XXIX SEPE Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão Teaching, Research and Extension Symposium
Presente e futuro: uso consciente da Inteligência Artificial
Today and tomorrow: the conscious use of Artificial Intelligence
E-book
ISBN 978-65-5852-415-1
20 A 22 DE OUTUBRO DE 2025
OCTOBER 20th to 22nd, 2025
UFN Universidade Franciscana Franciscan University
DOI:https://doi.org/10.48195/sepe2025.30055

COM-RUA: PSICOLOGIA, EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E MODOS DE VIDA DE SUBJETIVIDADES MARGINALIZADAS

Luiza Porto Alegre Garcia Oyhenard Ibarra [1]; Anna Luiza de Figueiredo Balieiro Mussoi [2]; Clausianne dos Santos Moraes [3]; Érika Kowaleski Araujo [4]; Inácio Rosso de Freitas [5]; Marcelo Moreira Cezar [6]

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre os modos de vida e os processos de produção de subjetividade de pessoas em situação de rua. Este estudo, de natureza qualitativa, com aproximações cartográficas, como método de produção de conhecimento territorial e subjetivo. Foi realizado no centro de Santa Maria-RS com 93 estudantes da Universidade Franciscana (UFN), envolveu mapeamento georreferenciado, aplicação de questionário sociodemográfico-narrativo e observação participante. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFN sob o parecer nº 79245624.0.0000.5306. A abordagem respeitou os modos de vida das pessoas em situação de rua, gerando dados sistematizados e propostas políticas, culminando na criação da frente parlamentar COM-RUA. Os resultados evidenciam a aproximação entre a Psicologia e as vivências da população em situação de rua, revelando demandas urgentes como violência física, proteção contra a chuva e o frio, fome, dificuldades na higiene, dificuldades no acesso aos serviços de saúde e informações sobre seu funcionamento, risco de vida por uso de substâncias e vínculo frágil com casas de passagem. Além disso a necessidade de políticas públicas sensíveis às especificidades desse grupo e destaca o papel da Psicologia na construção de práticas éticas, flexíveis e intersetoriais. A criação de um Centro Pop surge como proposta estratégica de cuidado, reconhecimento e promoção de direitos. Conclui-se, portanto, que o projeto de extensão aproximou a universidade da realidade das pessoas em situação de rua, revelando suas vulnerabilidades, resistências e subjetividades. Promoveu reflexão crítica entre estudantes, articulou ações políticas e evidenciou o papel transformador da academia na luta por direitos e inclusão social,

contribuindo para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas a grupos marginalizados.

Palavras-chave: **Psicologia em Contextos Comunitários; Minorias Sociais; Urbanidade.**

INTRODUÇÃO

A presença de pessoas em situação de rua no Brasil é histórica e reflete profundas exclusões econômicas e políticas, intensificadas pelo êxodo rural e pela industrialização do século XX. Na contemporaneidade, essa população inclui migrantes, desempregados, usuários de substâncias, egressos do sistema prisional e indivíduos com vínculos familiares rompidos, que transformam as ruas em espaço de moradia e trabalho, imprimindo formas singulares de habitar e alterar o cenário urbano. Ademais, é cada vez mais comum encontrar pessoas vivendo nas ruas exercendo atividades como catadores, "flanelinhas", profissionais do sexo e outros. Cercados por estigmas como perigosos, preguiçosos e vagabundos, esses indivíduos enfrentam processos de invisibilização e opressão (Nobre, 2018).

A população em situação de rua vivencia uma diversidade de contextos e experiências que tornam complexa a formulação de uma definição que abarque suas múltiplas realidades. As abordagens sócio-históricas indicam que essa condição é um fenômeno social profundamente relacionado à organização das cidades — especialmente nos centros urbanos industrializados — e às desigualdades historicamente construídas, o que reforça a heterogeneidade e a complexidade que permeiam essas existências (Rocha e De Oliveira, 2020). Atualmente, esse contexto tem se agravado com o avanço da lógica neoliberal no país, que contribui para o crescimento do desemprego e o enfraquecimento de políticas públicas voltadas à garantia de direitos sociais essenciais, resultando em uma crescente criminalização da pobreza (Marques et al, 2022).

Este trabalho se propõe a refletir sobre as formas de habitação e os processos de produção de subjetividade de pessoas em situação de rua, considerando os efeitos psicológicos decorrentes dessa condição. A pesquisa busca compreender não apenas as dificuldades enfrentadas por esse grupo, mas também as estratégias e recursos que ele mobiliza para sobreviver e construir modos de vida no espaço urbano de Santa Maria, RS. Ao investigar como esses indivíduos organizam seu cotidiano, constroem vínculos e utilizam os territórios públicos como espaços de sustento e resistência, pretende-se oferecer uma compreensão mais ampla das dinâmicas sociais, psicológicas e espaciais que atravessam a vida na rua.

A população em situação de rua enfrenta intensos processos de estigmatização e invisibilidade social. Pimenta (2019), em estudo realizado em Porto Alegre, evidencia como esses sujeitos são frequentemente reduzidos à condição de "não pertencentes" à cidade, reforçando barreiras no acesso a políticas públicas, saúde e trabalho, e ampliando a marginalização simbólica e social. Compreender esses processos é essencial para pensar intervenções que valorizem esse coletivo e reconheçam suas estratégias de sobrevivência e produção de subjetividade no território urbano.

METODOLOGIA

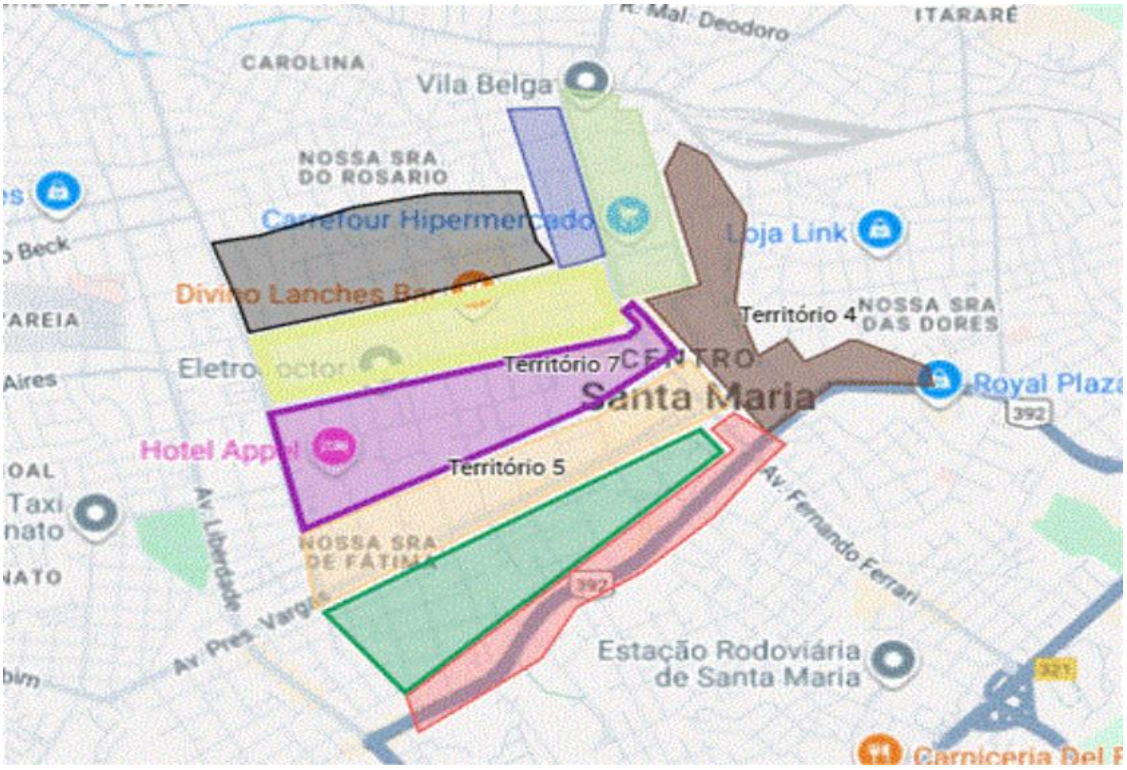
O presente estudo se insere no campo de pesquisa-intervenção, caracterizando-se por uma abordagem qualitativa, participativa e territorial, fundamentada na perspectiva cartográfica proposta por Passos, Kastrup e Escóssia (2009). A cartografia, aqui entendida não como mero instrumento de representação espacial, mas como método de produção de conhecimento sensível aos fluxos, limites e poderes do território, permitiu mapear não apenas os espaços físicos ocupados pelas pessoas em situação de rua no centro de Santa Maria, mas também as subjetividades, estratégias de sobrevivência e redes de sociabilidade presentes.

A pesquisa foi desenvolvida no centro urbano da cidade de Santa Maria-RS, entre os anos de 2024 e 2025, envolvendo 93 estudantes do Curso de Psicologia da Universidade Franciscana (UFN), da disciplina *Psicologia nos Contextos Comunitários* do curso de Psicologia da Universidade Franciscana (UFN), em articulação com o Grupo de Pesquisa e Intervenção à Juventude e Coletivos Rururbanos (GrURBAN). Além do projeto de extensão, foram levantadas informações, que compõe a matriz analítica do projeto, o qual foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFN sob o parecer nº 79245624.0.0000.5306.

As pessoas envolvidas, foram pessoas que vivem exclusivamente nas ruas do centro de Santa Maria, sem vínculo fixo com abrigos ou moradias. A seleção dos participantes ocorreu por acessibilidade e critérios de inclusão: residir na rua e aceitar participar voluntariamente das atividades.

A metodologia foi organizada em quatro tempos articulados, iniciando pela Elaboração do Instrumento e Mapeamento Territorial. Nesta etapa, foi construído coletivamente um questionário sociodemográfico-narrativo. O instrumento combinava perguntas fechadas (idade, gênero, tempo na rua, vínculos familiares, acesso a serviços) e abertas (histórias de vida, percepções sobre a cidade, desejos e demandas). Paralelamente, o território do centro de

Santa Maria foi dividido em 8 pontos georreferenciados via Google Maps, garantindo cobertura espacial equitativa.



1. Mapa do território central de Santa Maria dividido em 8 pontos.

A partir disso, foi realizado o planejamento coletivo e a distribuição de tarefas. Os 93 estudantes foram organizados em grupos de trabalho, cada qual responsável por um dos 8 pontos mapeados. Realizaram-se aulas preparatórias voltadas à extensão, nas quais foram discutidos temas como ética na abordagem, escuta ativa e estratégias de cuidado. O objetivo era garantir que as ações fossem construídas em diálogo com os sujeitos da rua, respeitando seus ritmos, espaços e modos de vida.

Na sequência, foi feita sessão de levantamento de informações. Nesta etapa, os grupos realizaram caminhadas pelo território, estabelecendo contato, construindo vínculos e aplicando o questionário de forma dialogada. A coleta não se limitou à aplicação do instrumento: incluiu observações participantes, registros fotográficos e anotações em diários de campo.

Em seguida, foi realizada a análise, a organização dos dados e as propostas políticas. Os dados coletados foram sistematizados por cada grupo e posteriormente apresentados em um seminário realizado em sala de aula, no qual se promoveu a discussão coletiva das observações e registros. As questões emergentes do projeto foram organizadas e convertidas em proposições

concretas de políticas públicas. Essas propostas foram compiladas e dirigidas ao poder legislativo municipal, resultando na criação da frente parlamentar COM-RUA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

De acordo com estudos, a população em situação de rua apresenta um perfil sociodemográfico caracterizado por ser majoritariamente masculina, solteira, com baixa escolaridade e desemprego de longo prazo (Lovisi et. al., 2003). Sobretudo, a exclusão social e a incapacidade de participar plenamente na sociedade são aspectos marcantes. Nesse sentido, foi possível perceber através das entrevistas que todos os participantes identificavam-se como homens com faixas etárias entre 24 a 60 anos e todos estavam em situação de rua desde jovens.

Os resultados deste estudo revelam uma aproximação significativa entre os saberes da Psicologia e as vivências da população em situação de rua na cidade de Santa Maria – RS. A partir da escuta qualificada e da análise territorial, identificou-se demandas concretas relacionadas à violência física, proteção contra a chuva e o frio, fome, dificuldades na higiene, risco de vida por uso de substâncias, dificuldades no acesso aos serviços de saúde e informações sobre seu funcionamento, e vínculo frágil com casas de passagem.

Essas evidências apontam a necessidade de construir políticas públicas municipais que reconheçam e respondam às especificidades dessa população, superando abordagens assistencialistas e estigmatizantes. A Psicologia, nesse cenário, pode contribuir com práticas que valorizam o vínculo, a escuta ativa e a produção de estratégias coletivas de cuidado, ampliando sua atuação para os territórios urbanos e os contextos de vulnerabilidade social onde se expressam formas não convencionais de habitar a cidade (Nobre et al, 2018).

Além disso, o trabalho com pessoas em situação de rua convoca uma Psicologia mais criativa e flexível. Rocha e De Oliveira (2020) expõem que o papel do psicólogo nesse espaço deve ultrapassar o formato clínico. Para isso, é necessária uma perspectiva mais fluida, que rompa com a tecnificação do cuidado, busque uma visão mais crítica e integral da subjetividade humana e considere os aspectos dialéticos da formação individual e coletiva com o meio sociocultural.

Seguindo essa perspectiva, aproximando-se dos referenciais da Psicologia Social, Comunitária e da Clínica Ampliada, pode-se incluir relações horizontais e menos burocratizadas com essas pessoas, facilitando o vínculo. Visto que, a Psicologia tradicional também deve superar seu distanciamento histórico das camadas mais pobres e marginalizadas

da sociedade, recriando e adaptando sua prática para aplicação de intervenções mais efetivas em contextos de maior vulnerabilidade e opressão sem reforçar estereótipos e violências (Rocha e De Oliveira, 2020).

Nesse sentindo, cabe destacar como forma de prevenção, os desafios enfrentados relacionados às demandas dessa população. A pesquisa de Santiago et al (2022) indica que o grupo de pessoas em situação de rua não é homogêneo, o que pode dificultar a delimitação da prática dos psicólogos para com o coletivo. Além disso, a necessidade de abrir espaço para novos conceitos, buscando recursos e saberes de outras áreas, atrelada ao sucateamento de políticas públicas, também pode levar a uma crise de identidade profissional ou insegurança na atuação, acarretando em funções confundidas com as de assistência social.

Dessa forma, a discussão das informações reforçam a urgência de ações intersetoriais que promovam o reconhecimento da população em situação de rua como sujeitos de direitos, capazes de imprimir modos próprios de habitar a cidade e de transformar o espaço urbano com suas presenças, trajetórias e resistências.

Através das informações obtidas e pela experiencia da/na extensão foi possível observar a importância de incluir a perspectiva da população em situação de rua na formulação, execução e avaliação de políticas públicas, garantindo uma participação ativa na construção de soluções para suas próprias demandas. Essa inclusão fortalece um vínculo democrático com a política social e permite que vozes silenciadas construam estratégias de cuidado que se tornem mais realistas e efetivas para que se alinhem às condições reais vividas (Sanches e Santos, 2022).

Junto a isso, através das entrevistas e de necessidades levantadas em conferências, em que a população de rua se articula como protagonista, foi possível reconhecer que uma de suas maiores demandas é a articulação intersetorial junto ao poder público para a criação de um Centro Pop, que se desenvolva como um dispositivo não só estratégico de cuidado, mas também como uma forma de promover direitos para os moradores de rua. Trazendo assim, não só uma solução para uma demanda latente, mas uma perspectiva de mudança para favorecer a criação de espaços de reconhecimento, acolhimento e pertencimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Apesar dos avanços em algumas áreas no século XXI, como a implementação do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), a população em situação de rua ainda enfrenta uma série de desafios, incluindo falta de acesso a moradia, serviços de saúde precários e discriminação social. Dessa forma, os sujeitos em situação de rua seguem sendo, de diversos modos, invisibilizados e tendo pouco investimento (Haddad; Teixeira, 2016; Singer, 2000).

Em contraponto, a rua não é apenas espaço de precariedade, mas de criação e produção de saberes e políticas. Ela gera intervenções acadêmicas, jurídicas e sociais, além de representar práticas cotidianas inventivas das próprias pessoas em situação de rua. Apesar das representações negativas difundidas pela mídia, a rua revela potências, sociabilidades e formas de resistência que influenciam políticas públicas (Nobre et al, 2018).

O projeto de extensão permitiu uma aproximação direta com a realidade das pessoas em situação de rua de Santa Maria, mostrando a complexidade de suas trajetórias e modos de viver nos espaços urbanos. Foi possível observar como esses indivíduos organizam seu cotidiano, constroem vínculos e utilizam os territórios públicos como espaços de resistência e produção de subjetividade, evidenciando sua resistência às condições de exclusão social. Em relação a isso, Nobre et al (2018) expõe que a resistência é entendida como a capacidade de criar relações imprevistas frente ao poder, não como simples reação, mas como possibilidade de invenção e transformação. Ela é mutável e provisória. Ao recusar a ideia de subjetividade individual, considera-se o sujeito como produto histórico de saberes e poderes externos, capaz de se reinventar por meio de práticas de si e novas relações com o mundo.

Assim, ficam aparentes as múltiplas vulnerabilidades enfrentadas pelo grupo, atravessadas por estigmas sociais, exclusões e limitações no acesso a políticas públicas. Mostrando assim a importância de ações multisetoriais que lutam pelo reconhecimento e garantia dos direitos dessa população extremamente fragilizada.

A experiência também proporcionou aos estudantes a oportunidade de refletir criticamente sobre o papel do Psicólogo nos contextos comunitários, dando foco para uma prática que visa protagonizar grupos marginalizados, possibilitando intervenções mais efetivas diante dessas realidades invisíveis. Além disso, as atividades de mapeamento e entrevistas com as pessoas em situação de rua possibilitaram um melhor entendimento das dinâmicas sociais que atravessam suas vidas, destacando a importância de políticas públicas que reconheçam e respeitem suas necessidades e subjetividades.

No plano social e político, o projeto resultou em impactos positivos, como a articulação com outros projetos de extensão e o auxílio na criação da Frente Parlamentar COM-RUA, que sinaliza um avanço significativo à elaboração de políticas públicas municipais voltadas para pessoas em situação de rua. Evidenciando, também, como as universidades podem e devem extrapolar os limites da academia, aproximando-se da comunidade e possibilitando o entendimento de suas mazelas, podendo assim, afetar diretamente a formulação de políticas sociais e fazer uma diferença real no coletivo, tirando a faculdade dos limites tradicionais do espaço acadêmico distante da realidade social, promovendo ações de transformação política e visibilidade para grupos historicamente marginalizados.

Portanto, o projeto de extensão reafirma que a universidade pode ser um instrumento de transformação social, capaz de produzir junto com a população novas maneiras de enfrentamento desses abismos sociais. Contribuindo tanto para a formação crítica dos estudantes quanto para o fortalecimento de direitos, dignidade e qualidade de vida de grupos marginalizados e afetados pela desigualdade social.

REFERÊNCIAS

HADDAD, M. de O.; TEIXEIRA, A. C. Política de Assistência Social no Brasil: Análise de Trajetória e Questões para Reflexão. Temporalis, 16, 32, 19-37, 2016.

LOVISI, G.; MANN, A.; COUTINHO, E.; MORGADO, A. Mental illness in an adult sample admitted to public hostels in the Rio de Janeiro metropolitan area, Brazil. Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology, 38, 493-498, 2003. DOI: https://doi.org/10.1007/s00127-003-0666-8.

MARQUES, L. S. et al. Saberes, territórios e uso de drogas: modos de vida na rua e reinvenção do cuidado. Ciência & Saúde Coletiva, v. 27, n. 1, p. 123–132, 1 jan. 2022. DOI: https://doi.org/10.1590/1413-81232022271.19542021. Acesso em: 11 set. 2025.

NOBRE, M. T. et al. NARRATIVAS DE MODOS DE VIDA NA RUA: HISTÓRIAS E PERCURSOS. Psicologia & Sociedade, v. 30, n. 0, 8 out. 2018. DOI: https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30175636. Acesso em: 10 set. 2025.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. ISBN: 978-85-205-0530-4 Acesso em: 11 set. 2025.

PIMENTA, Melissa de Mattos. Pessoas em situação de rua em Porto Alegre: processos de estigmatização e invisibilidade social. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 157-173, 2019. DOI: https://doi.org/10.15448/1984-7289.2019.1.30905. Acesso em: 09 set. 2025.

ROCHA, F., DE OLIVEIRA, P. Psicologia na rua: delineando novas identidades a partir do trabalho com a população em situação de rua. Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, v. 15, n. 1, p. 1-18, 2020.

SANTIAGO, D., et al. Psicologia: Diretrizes e Atuação Profissional Diante Do Contexto Da População Em Situação De Rua. Connection Line-Revista Eletrônica do UNIVAG, n. 27, 2022. Acesso em: 10 set. 2025

SANCHES COSTA, M. I.; SANTOS LUCENA, F. Cidadania e o direito à saúde da população em situação de rua : um olhar sobre a estratégia do Consultório na Rua. Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos, Bauru, v. 10, n. 1, p. 65–84, 2022. DOI: https://doi.org/10.5016/ridh.v10i1.126 Acesso em: 11 set 2025.

Este trabalho de acesso aberto está licenciado sob Creative Commons - Atribuição (CC BY 4.0).

[1] Acadêmica do 8° semestre de Psicologia, Universidade Franciscana, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: luiza.garcia@ufn.edu.br. ORCID:https://orcid.org/0009-0005-0550-6996

[2] Acadêmica do 8° semestre de Psicologia, Universidade Franciscana, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: anna.mussoi@ufn.edu.br. ORCID:https://orcid.org/0009-0007-5131-6442

[3] Acadêmica do 8° semestre de Psicologia, Universidade Franciscana, Santa Maria, Rio Grande do Sul,Brasil. E-mail: clausianne.moraes@ufn.edu.br. ORCID:https://orcid.org/0009-0006-9724-458X

[4] Acadêmica do 8° semestre de Psicologia, Universidade Franciscana, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: erika.kowaleski@ufn.edu.br. ORCID:https://orcid.org/0009-0007-0513-7398

[5] Acadêmico do 7° semestre de Psicologia, Universidade Franciscana, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: i.rosso@ufn.edu.br. ORCID:https://orcid.org/0009-0006-8885-4597

[6] Orientador. Doutor, com menção internacional, em Persona i Societat en el Món Contemporani. Docente do Curso de Psicologia da Universidade Franciscana, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: marcelo.moreira.cezar@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4395-9804